

ENTREVISTA: EDUARDO ASSAD, PESQUISADOR DA EMBRAPA GADO DE LEITE

BALDE BRANCO



Balde Branco recebe homenagem da Faemg

Ano 51 - número 610 - agosto 2015 - R\$ 10,50 - www.baldebranco.com.br

TÉCNICOS APOSTAM NO LEITE COM EFICIÊNCIA

Projetos e conceitos inovadores de assessoria técnica contribuem para mudar o cenário da pecuária leiteira no país e elevar a eficiência produtiva do setor



Com irrigação
produtor nem
liga para a seca

Imagem positiva
do leite sugere
maior consumo

Terapia de vacas
secas e o controle
eficaz da mastite



CONCEITO DISTORCIDO

Em uma pequena área, por exemplo, de 10 ha, deve-se optar por qual sistema de produção? Confinamento ou pastagem? Essa questão formulada em faculdades de ciências agrárias, em instituições de pesquisa e extensão, nas esferas dos governos federal, estadual e municipal ou em conversas entre produtores, extensionistas e interessados, teria como resposta, com quase toda certeza, o confinamento, revelando um quadro preocupante.

O conceito de que em uma propriedade de pequeno porte é preciso optar pelo confinamento nem sempre está correto. O que define o sistema a ser empregado é o potencial da unidade produtiva, que por sua vez dependerá da produção vegetal, do desempenho animal, da reprodução eficiente, da persistência de produção e da composição do rebanho, além, evidentemente, da capacidade de investimento do produtor.

Em uma propriedade pequena, há a necessidade de explorar ao máximo a produção de forragem para que a maior quantidade possível de vacas em lactação, categoria que gera renda, ocupe a área.

Caso a opção seja pelo confinamento, além do considerável aporte de recursos a ser empregado em instalações, máquinas e equipamentos, o alimento volumoso principal certamente será a silagem de milho, que em condições excepcionais produzirá 25 t de matéria seca por ha/ano, o equivalente a algo em torno de 75 t de matéria original.

Já num sistema bem adubado, irrigado e manejado de pastagens de gramíneas forrageiras tropicais, utilizado intensivamente por nove meses do ano, suplementado com a cultura da cana-de-açúcar, ambas com o mesmo aporte de conhecimento definido para a cultura do milho, a produção de matéria seca seria duas ou mais vezes maior. Quanto menor a propriedade, maior deverá ser a produção de matéria seca das forrageiras por unidade de área.

A produtividade da terra, ou seja, a produção de leite por ha/ano, é obtida pela multiplicação da quantidade de vacas em lactação por ha pela produção média de leite dessas mesmas vacas. O total de vacas em lactação por ha será função da eficiência agrônoma e da eficiência zootécnica.

São fatores relacionados à produção vegetal: as lotações obtidas nas áreas de pastagens intensificadas e não intensificadas; as áreas destinadas às outras categorias, como vacas secas, novilhas e bezerras, e as áreas ocupadas por benfeitorias e corredores. Por outro lado, são fatores relacionados aos animais: a composição do rebanho; a reprodução

e a persistência de produção.

Mesmo considerando uma maior produção de leite por parte da vaca média, ela necessariamente não será o dobro num sistema de confinamento em relação a um sistema bem conduzido que utiliza pastagens e cana-de-açúcar.

Como mencionado, há que se considerar ainda a diferença de investimentos em máquinas, equipamentos e instalações quando os dois sistemas de produção são confrontados, e este fato pode impedir que produtores com limitação de recursos decidam-se pelo confinamento.

Caso prevaleça o conceito distorcido de que em propriedades de pequeno porte deve ser estabelecido o confinamento, possivelmente, uma incontável legião de pequenos produtores estará condenada ao desaparecimento sem que lhes tivesse sido dada a oportunidade de estabelecer sistemas eficientes e rentáveis.

Em artigo publicado na mídia, um produtor de 3,6 ha afirmava ser o confinamento a melhor opção para propriedades pequenas. Com uma produção diária de mais de 3.300 litros apresentava uma produtividade estratosférica do fator terra. Quem leu e não analisou os dados, comprou a ideia de que ali estava a comprovação de que em propriedades dessa natureza o mais indicado é confinar o rebanho, esquecendo-se de que o bovino é um ruminante e que necessita de alimento volumoso na dieta.

A reportagem, que não cita a área para a produção de silagem, afirmava, porém, que a fazenda comprava 3.500 t de silagem de milho. Supondo uma excelente produtividade média da cultura de milho para ensilagem (75 t matéria original/ha), seriam necessários 46,7 ha adicionais de terra para o sistema.

Dividindo a produção anual de leite por 50,3 ha, a produtividade da terra efetivamente utilizada seria boa, de quase 24 mil kg de leite/ha/ano, mas possível de ser obtida também em sistemas de pastagem. Há que se contabilizar o capital imobilizado na forma de benfeitorias, máquinas, equipamentos, ou o aluguel parcial ou total desses equipamentos e máquinas, ou ainda, a total dependência de terceiros para a confecção da silagem.

A propriedade pequena precisa gerar renda para pagar os custos operacionais, remunerar os fatores de produção (terra e animais), bancar as taxas de depreciação de máquinas, equipamentos e benfeitorias, e ainda, permitir sobras que possibilitem uma qualidade de vida que motive o produtor e seus familiares a quererem permanecer no campo. Para isso é preciso colocar a quantidade máxima possível de vacas em lactação por unidade de área. Nessas condições, a atividade leiteira será imbatível economicamente quando estabelecida em regiões de elevado valor da terra ou quando comparada a outras atividades agropecuárias. ■

Artur Chinelato de Camargo é engenheiro agrônomo, pesquisador da Embrapa Pecuária Sudeste e membro do conselho editorial de **Balde Branco**.

A quantidade de vacas em lactação por ha será função da eficiência agrônoma e da eficiência zootécnica

BALDE BRANCO

Conselho editorial
Vidal Pedrosa de Faria,
Artur Chinelato de Camargo,
Paulo do Carmo Martins,
Tadashi Fujimori e
Nelson Rentero

Editor
Nelson Rentero (Reg. MTb 12.839)
rentero@uol.com.br

Diagramação e arte
Casa da Arte
cdadesign.com.br

Colaboradores
Lurdes Guerra,
Rubens Neiva,
Rafael Ribeiro,
João Antônio dos Santos,
Edson Lemos,
Rosângela Zoccal,
Marcos La Falce,
Lilian Bahia,
Maria Cândida Sampaio,
Maurício Palma Nogueira,
Marcelo Hentz Ramos,
Lenita Ramires dos Santos,
Miro Negrini,
Emanuelle B. Gaspar,
Patrícia Vieira Maia e
Fabiana Villa Alves

Executiva de Negócios
Marianna Correa -
marianna.correa@terra.com.br
(11) 2081-2163 e (11) 9-9975-6429

Assinaturas:
baldebranco@baldebranco.com.br
(11) 2081-3045 e 0800 7715181 (ligação gratuita) - Fax: (11) 2081-3144
Talita Bueno - talita.bueno@baldebranco.com.br
Paula Nocetti - paula.nocetti@baldebranco.com.br

Coordenação Administrativa:
Cristhiane Melo -
cristhiane.melo@baldebranco.com.br
(11) 2081- 2579.



Balde Branco, consciente de sua responsabilidade ambiental e social, utiliza tinta vegetal na impressão desta edição.

Impressão
Log & Print Gráfica e Logística S.A.
Revista produzida com sistema CTP

Edição: 19.000 exemplares

Assinatura anual: R\$ 105,00
Exemplar atrasado: R\$ 10,50

- Autorizamos a reprodução total ou parcial de nossos artigos, desde que mencionada a fonte.

Redação, administração, publicidade e assinaturas:
Rua Parque Domingos Luis, 126 - São Paulo, SP - CEP: 02043-080 - telefones: (11) 2081-3045 / 2081-2163 / 2081-2579 - fax: (11) 2081-3144.

- Os conceitos emitidos nos artigos assinados ou nos anúncios de publicidade são inteiramente de responsabilidade de seus autores, não traduzindo necessariamente a opinião da revista.

Balde Branco é uma publicação registrada no INPI - Instituto Nacional de Propriedade Industrial sob nº 006333770 de 106/86 e na Lei de Imprensa (6ª Ofício) sob nº 20963 de 12.01.90.



facebook.com/revistabaldebranco